



ART-CONNECTION

Diretrizes para Conectores Culturais na Educação de Adultos para aumentar a 8^a Competência Chave Europeia (consciência e expressão cultural)

**Desenvolvimento de competências individuais e colectivas
para a coesão social**



Sigla	Art-Connection
Título Projecto	Valorização das 8 ^{ème} competências-chave europeias (consciência e expressão culturais) como alavanca para o desenvolvimento das competências individuais e colectivas para a coesão social
Convenção	2019-1-FR01-KA204-062204
Website	https://www.art-connection.eu
Co-autores	APapp: Salvi, Isabelle CAI : Santos, Helder Luiz - Santos, Graça ILS : Porro, Eugenia - Teodorescu, Loredana Lboro: Dalmaso, Fred - Liguori, Antonia - Mott, Alison
Coordenação	APapp: Salvi, Isabelle CAI : Santos, Helder Luiz
Data de preparação	2019-2022



Renúncia de responsabilidade

Este projecto tem sido financiado com o apoio da Comissão Europeia. Esta publicação reflete apenas a opinião dos co-autores, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito das informações nela contidas.

TABELA DE CONTEÚDOS

CAPÍTULO 1

Visão geral do assunto e como utilizar as diretrizes deste documento.....	4
--	----------

CAPÍTULO 2

Filosofia da contribuição da consciência e expressão culturais para o desenvolvimento humano

conducente ao crescimento económico e à coesão social	6
2.1 Definição e impacto da 8ª competência chave europeia.....	6
2.2 Valor social e educativo do património cultural europeu.....	6
2.3 O papel instrumental e intrínseco do património cultural.....	7
2.4 A importância da informação digital para o património cultural.....	9
2.5 Processo criativo para se tornar culturalmente competente	10
2.6 Três áreas de impacto	11
2.7 Quadro para o reconhecimento e desenvolvimento da 8ª Competência Chave Europeia e para se tornar culturalmente competente.....	12

CAPÍTULO 3

Noções sobre temas educativos em torno da sensibilidade e expressão culturais.....

3.1 Aprendizagem cultural: ferramenta de aprendizagem - processo de aprendizagem	14
3.2 Avaliação das condições de aprendizagem cultural e das necessidades de formação.....	15
3.3 A abordagem dos Cultural Connectors aos direitos humanos	15
3.4 O ponto de vista dos Cultural Connectors sobre a igualdade de género	18
3.5 Equilíbrio entre as abordagens participativa e top-down.....	19
3.6 Reconhecimento Cultura para Reconhecer a Cultura: Abordagem do Crachá.....	21
3.7 Metodologia de trabalho social de rua para aumentar a consciência e expressão cultural	21
3.8 Abordagem narrativa para apoiar a expressão criativa	22

CAPÍTULO 4

Como se tornar um Conector Cultural e ser capaz de envolver indivíduos num processo de reconhecimento criativo da auto-aprendizagem individual e colectiva para se tornar culturalmente competente?

4.1 Ao nível dos conceitos básicos.....	24
4.2 A nível da relação pedagógica, comunicação e empatia de acordo com os grupos-alvo.....	26
4.3 Em termos de práticas de ensino.....	26
4.4 O papel de um Conector Cultural.....	27
4.5 Estrutura para se tornar um Conector Cultural comprometido com práticas inovadoras que fazem da cultura um dos pilares das acções educativas e uma alavanca para o desenvolvimento de competências individuais e colectivas.....	29

CAPÍTULO 5

Modelos europeus de reconhecimento, desenvolvimento, validação, certificação de competências culturais.....

5.1 2012 Recomendação de reconhecimento dos resultados da aprendizagem não formal e informal.....	30
5.2 Procedimentos e mecanismos de acordo com a certificação ECVET e ECTS	32
5.3 ECVET Model Framework.....	34

CAPÍTULO 1

Visão geral do assunto e como utilizar as diretrizes deste documento

Esta ferramenta de referência e as suas ferramentas pedagógicas foram produzidas por um grupo de parceiros de França, Itália, Portugal e Reino Unido, no âmbito do projecto Art-Connection, financiado pelo programa europeu Erasmus+ 2019-2022.

É dedicado aos profissionais que utilizam ou desejam utilizar a "consciência cultural e competência de expressão" (8ª competência chave da UE), no contexto da aprendizagem ao longo da vida na educação de adultos e, em particular, para benefício daqueles que se encontram em situações vulneráveis.

É dedicado aos educadores que querem formar como facilitadores, aos membros da comunidade que querem agir para a mudança, para agir e interagir para conectar as pessoas, para agir para alcançar um objetivo na comunidade e, em geral, a todos aqueles que querem criar, gerar e testemunhar a mudança, através da consciência da herança cultural e do desenvolvimento da expressão criativa.

A sua ambição é acompanhar, enriquecer, desenvolver e complementar conhecimentos, competências e práticas para todos os intervenientes no campo da educação de adultos, recorrendo a inteligências múltiplas (cognitivas, criativas, colectivas, emocionais, digitais ou não humanas), dando ao leitor um espaço de reflexão sobre o tema das competências culturais, a desenvolver de modo a estar aberto a outras culturas e ambientes culturais.

Visa também desenvolver uma perspectiva internacional nas práticas educativas, que são abordadas pelo projecto Art-Connection, com uma mudança de paradigma na orientação, avaliação e reconhecimento, validação e/ou certificação dos resultados de aprendizagem, centrando-se, em particular, na 8ª Competência Chave Europeia para promover o envolvimento num processo de auto-aprendizagem que contribua para a construção da coesão social.

Baseia-se na revisão da literatura e das práticas, nos resultados da etnografia e também na rica experiência dos seus colaboradores, para elaborar um manual contemporâneo e uma ferramenta eficaz para a formação contínua de formadores para apoiar as suas actividades de acompanhamento de adultos no campo da educação sócio-cultural e profissional.

A principal intenção deste kit de ferramentas é que possa ser aplicado a vários aspectos não só da vida cultural, mas também de instituições sociais e educacionais, tais como instituições culturais (museus, centros de arte, arquivos...), ONGs, comunidades, municípios, a função pública universal, escolas, instituições educacionais e de formação profissional e universidades, tanto a nível nacional como transnacional.

A metodologia proposta é um elemento essencial do modelo sociocultural (combinando aspectos socioeconómicos, sociopolíticos e culturais) de aprendizagem não formal e informal para intervenções no campo do desenvolvimento da aprendizagem através de eventos sociais

interculturais entre pessoas, o que facilitará a aprendizagem de conhecimentos e competências relevantes para a vida, em particular para grupos desfavorecidos e marginalizados de pessoas ou adultos em aprendizagem ao longo da vida

Foi concebida e co-construída numa metodologia de investigação participativa com educadores profissionais e alunos de diferentes proveniências, seguindo uma vasta gama de temas e utilizando diferentes metodologias reflexivas, a fim de sensibilizar para o valor da nossa cultura individual e colectiva, para o seu potencial papel e impacto nos nossos sistemas educativos para o desenvolvimento de competências individuais e colectivas para a coesão social.

Os parceiros do consórcio Art-Connection estão todos empenhados no desenvolvimento e implementação de práticas educativas inovadoras destinadas a facilitar a inclusão social; realizaram pesquisas de acção participativa nos seus respectivos territórios para compreender melhor o papel e o impacto da dimensão da "consciência e expressão culturais" e as competências necessárias para os Cultural Connectors:

1. no **nível micro**, que habilidades permite que os alunos se mobilizem e valorizem,
2. ao **nível meso**, o tipo de competências necessárias para que os educadores adultos se tornem Conectores Culturais,
3. a **nível macro**, os requisitos de uma organização e de um território para lançar projectos culturais em espaços educativos e as condições necessárias para essa implementação.

Os parceiros Art-Connection adotaram uma metodologia de pesquisa de ação participativa para induzir e acompanhar a mudança (ver também a produção intelectual Art-Connection "Estrutura teórica e metodológica para a pesquisa de ação participativa" que fornece uma reflexão sobre a pesquisa de ação participativa).

CAPÍTULO 2

Filosofia da contribuição da consciência e expressão culturais para o desenvolvimento humano conducente ao crescimento económico e à coesão social

2.1 Definição e impacto da 8ª competência chave europeia

"A consciência cultural e as competências de expressão implicam procurar compreender e respeitar as formas como as ideias e os significados são expressos e comunicados de forma criativa em diferentes culturas e através de uma série de artes e outras formas de cultura. Requerem um compromisso de compreensão, desenvolvimento e expressão das próprias ideias e sentido de pertença ou papel na sociedade de diferentes formas e contextos.

A 8ª Competência Chave Europeia é provavelmente a mais indispensável de todas as Competências Chave, na sua referência à condição humana, uma vez que permite ao ser humano sentir-se vivo e encontrar o seu lugar e orientação na sociedade. O projeto Art-Connection busca, portanto, realçar esta competência em suas partículas holísticas de pedra e sangue.

A competência relacionada com a sensibilidade e expressão culturais é a que diz respeito aos sentidos. É esta competência que tem em consideração a necessidade de beleza, sons, cores, cheiros, tacto, em suma, tudo o que nos liga à vida, mas também ao nosso património cultural, à alteridade e ao sentido de civilidade.

2.2 Valor social e educativo do património cultural europeu

Uma das primeiras definições utilizadas na Convenção-Quadro do Conselho da Europa sobre o Valor do Património Cultural para a Sociedade (Faro, 2006) é central para o nosso pensamento:

O património cultural] é um grupo de recursos herdados que as pessoas identificam, independentemente da propriedade, como reflexo e expressão dos seus valores, crenças, conhecimentos e tradições em evolução. Inclui todos os aspectos do ambiente resultantes da interacção entre as pessoas e os lugares através do tempo.

Esta definição indica uma compreensão do património cultural como um recurso que poderia ser quantificado economicamente. No entanto, projectos de investigação como o Art-Connection sublinharam que o sector do património cultural também pode ter um maior impacto social e educativo do que um impacto económico.

Por este motivo, no contexto da análise do valor do património cultural, esta definição poderia ser complementada por uma noção de sector patrimonial baseada em actividades especializadas, incluindo as relacionadas com arquivos ou museus, e que tenham impacto em ambos os sectores socioeconómicos.

Consequentemente, duas perspectivas emergem dos estudos de campo:

- património cultural como sector de actividade por direito próprio, criando emprego e gerando crescimento (impacto directo, principalmente económico, mas podendo também incluir outras áreas de desenvolvimento);
- o impacto social e económico do património cultural noutros domínios, como a agricultura, o desenvolvimento regional, o ambiente, a ciência e a educação, o turismo, a tecnologia, a inovação, a coesão social, o diálogo intercultural, etc.

Dado o impacto social e educativo do património cultural, a aprendizagem cultural que resulta da maioria dos projectos de investigação de acção é de extrema importância.

Sempre que falamos de património cultural, normalmente concentramo-nos no crescimento económico, mas a Art-Connection centra-se na importância da segunda perspectiva: ver os institutos culturais (arquivos e universidades) e as associações culturais como meios de produção de cultura, coesão social e diálogo intercultural.

No caso do Instituto italiano Luigi Sturzo, por exemplo, a pesquisa de arquivos tem sido uma forma de os jovens envolvidos no projeto Art-Connection trabalharem a memória coletiva, redescobrir suas raízes históricas e transformá-las em uma forma de aprendizagem e formação cultural, tanto dentro como fora das próprias instituições. Este processo teve um grande impacto social e educacional não só porque desenvolveram as suas competências profissionais, mas também por causa do seu trabalho com as comunidades locais.

Deste ponto de vista, um valor social e educativo é assim acrescentado ao valor criativo do património cultural que se destaca na literatura quando o sector do património é considerado como fazendo parte das indústrias culturais (ou criativas).

Nesses casos, a análise não se limita às questões de protecção do património, mas destaca também o potencial criativo do património.

De facto, a criatividade tem desempenhado um papel importante nos percursos de cada um dos projectos de investigação de acção da Art-Connection.

Na pesquisa de acção na Itália, a criatividade foi utilizada para desencadear o processo de pesquisa, desde as fases iniciais onde, por exemplo, os estudantes escolhiam os tópicos que seriam explorados e as ferramentas ou técnicas metodológicas que seriam aplicadas ao longo do processo de pesquisa. A criatividade entrou particularmente em jogo na transformação de algo aparentemente estático, como fontes documentais, num produto criativo como os que os alunos produziram no final do curso, demonstrando que a criatividade pode proporcionar formas de "moldar" e depois transferir a herança cultural. Neste caso, a criatividade desempenhou o papel de ferramenta de apoio e coesão do processo de pesquisa, apoiando, por sua vez, os objetivos sociais e educacionais motivados pelo trabalho com o património cultural dentro das instituições culturais envolvidas.

2.3 O papel instrumental e intrínseco do património cultural

Além disso, alguns autores falam do património cultural em geral, enquanto outros centram os seus estudos em tipos particulares de património, como o património construído, o património móvel, o património arqueológico e, finalmente, alguns estudos centram-se em instituições patrimoniais, como arquivos, museus, bibliotecas, parques nacionais.

Neste sentido, os arquivos e museus têm um grande potencial para incentivar uma maior participação na aprendizagem e, portanto, para elevar não só o nível educacional da população trabalhadora, mas também para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos.

Embora muitos estudos de caso se concentrem no valor instrumental, ou seja, na importância do património para o desenvolvimento social e económico, é de notar que muitos autores advertem contra a negligência do valor intrínseco do património como memória colectiva da sociedade.

Graças aos caminhos de pesquisa desenvolvidos para a Arte-Conexão, o valor intrínseco do património cultural veio à tona, considerando ao mesmo tempo o valor instrumental, comumente considerado neste setor.

O caminho de pesquisa desenvolvido no caso italiano certamente considera a importância do património cultural, especialmente nesta perspectiva: a pesquisa de ação mostrou como os arquivos e os institutos culturais envolvidos foram uma força motriz para um curso de formação de voluntários que participam do serviço público universal e forneceram a base para um caminho de aprendizagem de competências que inclui não só a oitava competência cultural, mas também competências corolárias, como a cidadania ativa.

Na Itália, os arquivos e institutos culturais têm um impacto interessante como transmissores do património cultural, tanto em termos de identidade nacional como europeia. Dirigindo-se principalmente aos jovens adultos, como o serviço público, eles atuam como ponte para se conectar com outras realidades fora dos institutos, tornando-se formas de narração e auto-narração de lugares e experiências de aprendizagem.

Através de alguns projectos de formação, estes jovens adultos têm a oportunidade de realizar experiências culturais em realidades que normalmente parecem fechadas e estáticas, como os institutos e arquivos culturais.

Isto sublinha a importância de desenvolver *narrativas patrimoniais* que incluam histórias relacionadas com objectos que facilitem a sua interpretação, histórias pessoais de membros da comunidade, mas também narrativas mais amplas de lugar, que possam actuar como uma "cola cultural", mantendo juntas instituições patrimoniais que trabalham sobre património cultural e comunidades (locais e nacionais).

Neste sentido, o uso metodológico de entrevistas em profundidade e técnicas de narração de histórias tem tido um papel fundamental. Tal como a memória histórica narrada nas obras se torna um meio de redescobrir raízes culturais e contar o presente ou imaginar o futuro.

É evidente que os produtos culturais, documentos ou fontes históricas não devem ser considerados apenas como objectos materiais ou bens materiais em si mesmos, mas também como símbolos intangíveis e marcadores culturais que, no entanto, podem ser recebidos como património para todos os cidadãos. Através do nosso património cultural podemos aprender algo sobre as nossas raízes, valores, história e origens. Pode também ajudar-nos a compreender melhor o nosso presente e os desafios da complexidade do nosso mundo de hoje. A memória histórica pode nos fornecer ferramentas para melhor enfrentar o futuro, permitindo ao mesmo tempo um senso de coesão em torno de uma história comum e raízes comuns.

Se olharmos para o património cultural europeu, por exemplo, compreendemos a parte da história que temos em comum e compreendemos os passos que já demos lado a lado.

Pode também tornar-se um meio de inclusão para aceitar diferenças, compreender divisões políticas, reativar a cidadania ativa. Outro importante valor intrínseco do património pode ser expresso na realização de que o património pode ser utilizado - em museus ou outros institutos - para explorar certas questões sociais "difíceis", bem como para gerar um sentimento de pertença e integrar os indivíduos nas comunidades locais e na sociedade.

Tudo isso emerge fortemente nas linhas de pesquisa de ação da Art-Connection.

Dentro do Instituto Luigi Sturzo, os voluntários envolvidos na investigação-acção exploraram o património cultural de diferentes maneiras, com diferentes olhos, tornando-o uma experiência que também reforça a sua autoconsciência, não só como forma de aprendizagem e estudo, mas também como forma de partilhar as suas próprias competências, colaborar uns com os outros e crescer profissionalmente e humanamente (para mais informações, consulte o estudo de caso "Educação Cultural através do Património Cultural" no Art-Connection Pedagogical Toolkit for Cultural Connectors in Adult Education).

2.4 A importância da informação digital para o património cultural

Outro elemento importante da avaliação diz respeito ao trabalho de digitalização desenvolvido em particular no caso de Luigi Sturzo, que revela outro aspecto da função social e educativa do património cultural.

Podemos considerar que, nos últimos anos, o aumento das novas tecnologias também tem proporcionado meios para melhorar a divulgação, promoção e preservação do património cultural.

Por exemplo, o ambiente de informação digital no qual o conteúdo digitalizado é criado permitiu a partilha e reutilização de dados digitais, ao mesmo tempo que encorajou novos avanços na transmissão e preservação do património cultural.

No estudo de caso do Instituto italiano Luigi Sturzo, a digitalização dos arquivos históricos mostrou a importância deste caminho quando se trata da transmissão da memória e identidade coletiva italiana e europeia e da preservação de um património arquivístico que, de outra forma, teria ficado trancado em instituições culturais.

A digitalização de documentos implementada pelos Voluntários do Serviço Civil Universal criou um processo de preservação da memória histórica e ao mesmo tempo permitiu a sua transmissão e partilha fora dos próprios institutos, promovendo um processo de preservação da memória histórica e de democratização da cultura europeia.

Isto tem um grande impacto social, especialmente porque a digitalização de um património material que está a desmaterializar-se permite a sua transmissão no tempo e no espaço.

Os esforços dos voluntários na realização do trabalho de digitalização tornam-se assim uma acção poderosa em termos de divulgação da memória histórica fora das instituições.

De certa forma, é como se os jovens adultos envolvidos tivessem recuperado simbolicamente a memória histórica, traduzindo-a com os meios e tecnologias do futuro para torná-la acessível. É necessário continuar a trabalhar: analisar melhor a utilização das fontes culturais e patrimoniais abertas existentes; divulgar e incentivar a adopção de fontes culturais abertas; persuadir outras instituições a contribuírem com os seus dados para os bens comuns de uma forma aberta e acessível; criar estruturas de agregação e pesquisa para ligar fontes de informação que permitam a descoberta e recuperação de recursos; e pensar mais sobre a melhor forma de utilizar computação de alto desempenho para analisar e processar grandes quantidades de dados agora disponíveis na indústria.

2.5 Processo criativo para se tornar culturalmente competente

A função da arte e dos praticantes de arte

A arte é uma expressão da cultura e como tal a arte tem uma função social. Não se trata apenas de estética e beleza ou criatividade. Ao longo da história, a arte nos fornece elementos para entender a

sociedade em que vivemos e o que está acontecendo. Os profissionais da arte são mediadores de mensagens substanciais sobre o que está acontecendo no mundo. A arte é um meio sensível e expressivo de ligação ao nosso património cultural global. A arte é também uma ferramenta para a expressão da marginalidade. É nas margens que se pode encontrar a riqueza ligada à diversidade reunida. Cada margem contém parte da transgressão necessária para expressar criatividade, revelando a sua identidade e a sua ligação com a alteridade. A criação não está no meio, porque o meio é a normalidade, o mainstream. A criação requer esta tensão entre inclusão e exclusão para desenvolver um processo criativo dinâmico. Tal processo criativo serve de gatilho motivacional e envolve todos os sentidos: é central para o nosso desejo de nos envolvermos com o mundo. No entanto, esta questão da marginalidade destaca a dificuldade de conceber um processo criativo que promova o empoderamento e a inclusão social.

A importância da cultura nos processos criativos

Sem arte e cultura, onde estaríamos nós? Poderíamos imaginar um mundo sem profissionais da arte ou artistas (escritores, músicos, cantores, pintores, escultores, artistas visuais, fotógrafos, actores, bailarinos, artesãos) ou sem a diversidade do nosso património cultural vivo?

Referimo-nos aqui à definição de cultura da UNESCO:

"Cultura é o conjunto de características espirituais, intelectuais e emocionais distintivas que caracterizam uma comunidade, sociedade ou grupo social. Inclui não só artes e literatura, mas também formas de vida, direitos humanos básicos, sistemas de valores, tradições e crenças. A cultura engloba as características e os valores vivos ou contemporâneos de uma comunidade, bem como aqueles que sobreviveram do passado. Declaração da Cidade do México sobre Políticas Culturais, UNESCO 1982

A cultura é uma ferramenta para facilitar os processos de aprendizagem e auto-formação. Acreditamos que é essencial lutar para tornar tangível a forma como é possível reinvestir estas dimensões da arte e da cultura nos nossos sistemas educativos e nos nossos princípios de coesão social, atravessando vários campos do património para explorar questões de identidade e relacionamento, interacção e expressão de sentimentos e emoções para respeitar os valores uns dos outros.

Também o convida a identificar e reflectir sobre as competências de que necessita como facilitador para promover o desenvolvimento da competência cultural a fim de ajudar os outros a tornarem-se culturalmente competentes.

2.6 Três áreas de impacto

A cultura como meio de se conhecer e reconhecer a si mesmo (Identidade, Diversidade, Inclusão)

A cultura é, antes de tudo, uma alavanca muito importante na busca da identidade, do auto-conhecimento, da aprendizagem do conhecimento e do reconhecimento de si mesmo.

Mas a este nível, existe uma tensão fundamental de abertura-fechamento, de inclusão-exclusão directamente ligada a esta busca de identidade.

Se a questão da identidade deriva do comunitarismo e do populismo, pode tornar-se uma fonte de fechamento e de exclusão. Portanto, trabalhar a questão da identidade cultural poderia ser uma alavanca para a inclusão e a resiliência e uma maior consciência da diversidade cultural.

Conhecer-se melhor e tomar consciência da própria identidade cultural leva automaticamente a uma abertura à diversidade cultural e influencia a questão da inclusão, pois permite perceber que cada um de nós é diferente, mas ao mesmo tempo um cidadão da mesma Terra.

Ser capaz de identificar a própria individualidade e especificidades para se orgulhar da própria identidade, ao mesmo tempo em que está consciente dos méritos da diversidade cultural, da interculturalidade e das expressões criativas, permite entrar num círculo virtuoso de inclusão, abertura, tolerância e paz sustentável no mundo.

A cultura como meio de construir pontes para a diplomacia social e a coesão social

Aprender a conhecer-se melhor e domesticar a identidade cultural de cada um exige um confronto com o outro, o alter-ego, num diálogo e numa viagem intercultural.

Isto ajuda a passar do "I-You" para "We" e leva a uma abertura de consciência sobre a identidade universal: cada indivíduo na Terra pertence ao mesmo planeta; este planeta rico e variado é "We".

A cultura torna-se então um meio para desenvolver a diplomacia social. Ou seja, uma diplomacia que toma a sua fonte nas organizações sociais e culturais. A cultura torna-se o embaixador de tal diplomacia; torna-se o ponto de encontro de todos os povos, de todas as origens; torna-se a língua universal para aprender a comunicar, aprender a ouvir activamente, aprender a tolerância e considerar a alteridade como um tesouro de humanidade.

A cultura torna-se um meio de entrar em diálogo com o outro, e as artes são os meios universais ao serviço da cultura para reconstruir laços sociais.

A cultura é, portanto, um poderoso vector de coesão social.

A cultura como ferramenta e processo de aprendizagem para a aprendizagem ao longo da vida

A cultura como ambiente de aprendizagem e processo de aprendizagem para descobrir, expressar e reconhecer habilidades e habilidades.

Os projectos que utilizam a educação através da arte podem ser usados como modelos educacionais para uma variedade de grupos-alvo e, em particular, para aqueles que carecem de motivação, para os encorajar a participar mais e talvez ter uma voz que possa ser ouvida pelas autoridades locais.

2.7 Estrutura para desenvolver 8^{ème} CCE e tornar-se culturalmente competente

Área de especialização	Sub-área de competência	Conhecimentos básicos	Habilidades	Atitudes
A cultura como meio de se conhecer e reconhecer a si mesmo	Identidade; Diversidade; Inclusão	Sentido de identidade própria e em desenvolvimento num mundo de diversidade cultural Sentido de identidade cultural como um processo inerentemente aberto à mudança Significado de 'Cultura' como sinónimo de 'desenvolvimento', um processo evolutivo (não fixo no tempo ou no lugar)	Reflexividade, distanciamento e auto-controle, análise, compartilhamento e recebimento de feedback Expressar e interpretar ideias figurativas e abstractas, experiências e emoções com empatia em diversas artes e outras formas culturais Identificar e aproveitar oportunidades de valor pessoal, social ou comercial através das artes e outras formas culturais	Auto-aceitação, auto-estima e autoconfiança <i>Aprender</i>, o processo de aprendizagem a partir da própria experiência e dos erros Abertura, senso de prazer, senso de beleza Assertividade (saber quando ser assertivo e quando não ser), aceitar críticas de outros Resiliência, positividade
A cultura como meio para desenvolver o diálogo e os	Autoconfiança e auto-estima; Construção do 'outro'; Construção	Sensibilização para os princípios da educação intercultural Sensibilização para as possibilidades de diálogo e regras de interacção relacionadas com acções sociais	Envolver-se em processos criativos, tanto individual como colectivamente: comunicar, ouvir os outros; ser um jogador de grupo, envolver-se em trabalho	Abordagem ética e responsável da propriedade intelectual e cultural: respeito, escuta activa, consciência sensorial,

percursos interculturais	do 'nós' - socialização	interculturais: comunicação, escuta activa, empatia Consciência de como as expressões culturais locais, nacionais, europeias e globais, incluindo línguas, património e tradições, podem influenciar as suas próprias ideias e as dos outros.	de grupo, aprender com as experiências uns dos outros, aprender com os colegas	empatia, assertividade, positividade
Cultura e património cultural como ambiente de aprendizagem informal e não formal e ferramenta de aprendizagem para o reconhecimento de aptidões e competências	Consciência cultural e auto-expressão; Sensibilização para a alienação cultural; Reconhecimento e aceitação cultural	Sensibilização para as diferentes formas de comunicação de ideias entre profissionais da arte, participantes e público em textos escritos, impressos e digitais, teatro, cinema, dança, jogos, arte e design, rituais musicais e arquitectura, bem como formas híbridas Sensibilização para o papel das artes e da cultura como meio de ver e moldar o mundo Sensibilização para a importância dos factores estéticos na vida quotidiana	Expressar e participar da vida e experiências culturais, ser curioso sobre o mundo Narrar experiências, usando a diversidade da expressão cultural através de diferentes meios para expressar, usar/imprimir e desenvolver habilidades Auto-avaliação	Comunicação não-violenta, extra-versão Criatividade, curiosidade, abertura: imaginar novas possibilidades, expressar-se artisticamente Colaboração, formação de equipas Tolerância, conciliação, flexibilidade, gestão de conflitos Inteligência emocional Motivação, perseverança

CAPÍTULO 3

Alguns elementos sobre temas relacionados com a consciência e expressão culturais

3.1 Cultura: ferramenta de aprendizagem - processo de aprendizagem

A cultura é encarada pelas organizações envolvidas como um desencadeador para a construção de estratégias educativas e de desenvolvimento cultural em estruturas educativas não formais. Isto pode acontecer através de actividades de aprendizagem, especialmente aquelas produzidas para promover a cidadania activa.

Os projectos culturais permitem a implementação de actividades de aprendizagem e mudam o contexto político (como os alunos se envolvem com o mundo), desencadeando uma reflexão sobre os processos práticos, e não apenas sobre os conteúdos que transmitem, e permitindo a troca de conhecimentos, com uma ênfase particular na partilha de conhecimentos práticos.

No caso da rede APP, no âmbito da metodologia específica de formação APP baseada no processo de auto-formação, a organização de projectos culturais ou eventos culturais de grande escala - no âmbito de projectos de educação popular e integração - promove uma dinâmica de co-construção de parcerias com instituições, associações civis artistas e a população de um determinado território, levantando questões culturais relacionadas com questões socio-económicas e de cidadania (para mais informações, consulte o estudo de caso "Educação cultural através da metodologia APP e os últimos desenvolvimentos" no conjunto de ferramentas pedagógicas Art-Connection para Conectores Culturais na educação de adultos).

Assim, ao promover a cidadania activa ligada a um contexto social e a actividades culturais específicas, as diferentes práticas de formação permitem aos formadores trabalhar ao mesmo tempo na cultura e nos produtos culturais, ao mesmo tempo que se ligam a contextos sociais específicos (desde crianças, adolescentes a adultos).

O treinamento de projetos de treinadores no campo cultural, como o treinamento de Conectores Culturais, também se abre a experiências culturais que podem ocorrer em ambientes que podem parecer fechados ou estáticos, como institutos culturais, arquivos, ambientes educacionais formais, etc.

Os projectos realizados no âmbito da investigação da acção Art-Connection dirigidos principalmente a estudantes adultos, como no caso da função pública (Itália), ou os cursos para estudantes universitários no MAAT em Portugal ou os estudantes da Academia de Contação de Histórias em Loughborough ao desenvolverem projectos de contadores de histórias dentro das comunidades, actuam como pontes para ligar contextos fora das instituições, tornando-se formas de auto-narração ou narração de histórias auto-reflexivas em relação a lugares e experiências de formação - promovendo assim experiências culturais, tais como visitas e participação na vida cultural comunitária, dentro dos seus grupos sociais específicos.

Desta forma, a cultura, transmitida através de programas de formação, "liberta-me" e concretiza a ideia de uma sociedade melhor de pessoas mais livres e, portanto, desencadeia processos de mudança política na comunidade. O impacto não se limita, portanto, à profissionalização e ao corporativismo, mas estende-se ao campo sociopolítico.

Além disso, a pesquisa de ação participativa da Art-Connection oferece a possibilidade de desencadear uma mudança cultural. Por exemplo, a viagem Art-Connection deu aos Conectores Culturais a oportunidade de considerar perspectivas inesperadas em Itália, ou as formas específicas como a

população alvo percebe as competências em Portugal. Quaisquer que sejam as suas especificidades locais, estas características continuam a ser importantes para a compreensão da cultura e da identidade cultural. Portanto, a cultura revela-se como uma expressão do presente e um meio de preservar a memória: permite aos Conectores Culturais gerar e alimentar o interesse em compreender os processos históricos que sustentam sua atividade.

3.2 Avaliação das condições de aprendizagem cultural e das necessidades de formação

"A ética não pode ser ensinada com lições de moral. Deve ser formado na mente a partir da consciência de que o ser humano deve ser um indivíduo, parte de uma sociedade e parte de uma espécie. Cada um de nós carrega esta tripla realidade. Da mesma forma, qualquer desenvolvimento humano deve incluir o desenvolvimento conjunto de autonomias individuais, a participação comunitária e a consciência de pertencer à espécie humana. Edgar Morin, 2002.

Um formador em aprendizagem intercultural tem de seguir certos modelos de aprendizagem coerentes com os princípios e a missão, e os valores que tem de expressar. Desenvolvimento, aprendizagem e conhecimento são processos sociais e a cooperação ou interacção é essencial para a sua construção.

No entanto, estes processos não derivam automaticamente da proximidade física. Elas envolvem atenção à igualdade e à diferença. A cooperação só pode ter lugar quando pessoas curiosas, confiantes, informadas, motivadas, reflexivas, ouvintes e participantes com opiniões e experiências diferentes são reconhecidas como competentes na sua especificidade (pessoal, social e cultural).

Só quando as oportunidades são partilhadas equitativamente é que uma tensão "positiva" entre os cooperadores pode provocar uma mudança necessária - uma desestabilização que desencadeia uma mudança cognitiva e comportamental. A cooperação e a interacção tornam-se então as pedras angulares da construção de uma sociedade democrática e plural.

A inteligência emocional está no centro desta abordagem. É essencial porque todos temos que trabalhar em equipe, ser produtivos, flexíveis, adaptáveis, lidar com a incerteza. Todos estes aspectos da vida profissional ou pessoal contêm muita inteligência emocional. A importância da inteligência emocional faz com que seja imperativo desenvolver o 8^{ème} CCE.

3.3 Abordagem de Direitos Humanos para Conectores Culturais

Embora seja complicado encontrar uma definição abrangente dos direitos humanos, estudiosos como María Elena Ortiz e Greta Papadimitriou descreveram-nos como "[...] um conjunto de requisitos éticos e sistemas de valores incompletos que estão em contínua evolução devido à mudança das condições socioculturais, expressas em normas jurídicas internacionais e nacionais, que impõem obrigações aos Estados e concedem direitos aos indivíduos, e que visam reconhecer a dignidade humana como um valor mais elevado do que outros. Os direitos humanos são descritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), juntamente com uma vasta gama de instrumentos internacionais que implicam condições prévias para o desenvolvimento e a sua realização.

É também dever do próprio Estado estimular, proteger e garantir a vida democrática de um país. A combinação de direitos humanos e democracia facilita e promove a garantia de relações justas e iguais entre todos os grupos da sociedade. Além disso, estes princípios contrariam a exclusão social e a precariedade que impedem que alguns indivíduos ou grupos beneficiem de oportunidades profissionais, económicas, políticas e culturais a que outros têm acesso.

A experiência e o gozo dos direitos humanos pelas pessoas nem sempre correspondem às leis, programas ou discursos oficiais sobre o tema. Analisar o cumprimento dos direitos a partir deste ponto ajuda a medir o nível democrático de uma sociedade, ou seja, um Estado com instituições fracas e uma democracia nascente levará a que uma parte da sua população seja privada de todos ou parte dos seus direitos e, como resultado, sofrerá injustiça e tratamento desigual.

Ao longo do tempo, nós, como organizações da sociedade civil, estamos gradualmente reconhecendo a importância de promover a justiciabilidade dos direitos humanos como meio de fortalecer o tecido institucional do Estado e o nível democrático dos nossos países.

A participação e a não discriminação são consideradas "direitos fundamentais" porque, quando exercidos na prática, abrem a porta a uma ampla gama de direitos; negar o direito à participação e discriminar uma pessoa ou grupo tem um impacto significativo na sua vida diária. É isto que faz do trabalho de rua um método extremamente apropriado de aproximação aos grupos socialmente excluídos, a fim de promover oportunidades de participação e inclusão social que abram as portas para a realização de todos os seus direitos.

Direito a participar. Para que este direito se torne realidade, ele deve ser exercido em conjunto com outros direitos. Para participar, todos os indivíduos devem ter o direito de receber informações, o direito de formar sua própria opinião, o direito à liberdade de expressão, o direito à liberdade de crença, o direito à privacidade livre de interferências. O trabalho de rua proporciona uma oportunidade de observar grupos socialmente excluídos que enfrentam a negação deste conjunto de direitos, o que os castiga como perigosos ou anormais. Além de terem seus direitos humanos violados, as pessoas que vivem em situação de exclusão social geralmente experimentam uma constante revitimização. Por exemplo, um adolescente migrante que não sabe ler pode ser traficando ou expulso do país sem a proteção total que merece.

Lei de não-discriminação. A discriminação é uma prática cotidiana que envolve tratamento desfavorável ou desprezo imerecido por um indivíduo ou grupo; às vezes passa despercebida, mas em algum momento nós a causamos ou fomos os destinatários dela.

As pessoas são discriminadas diariamente devido às suas características físicas ou estilo de vida. Origem étnica ou nacionalidade, sexo, idade, deficiência, estatuto social ou económico, saúde, gravidez, língua, religião, opinião, orientação sexual, estado civil e outras diferenças podem ser motivos para distinção, exclusão ou restrição de direitos.

A fim de passar de uma abordagem baseada nas necessidades para uma abordagem baseada nos direitos humanos no trabalho com populações altamente excluídas, é importante ter em mente os seguintes aspectos

- Os desafios começam com a necessidade de reconceptualizar a nossa visão dos direitos humanos. Em outras palavras, questionar dialecticamente o pensamento social (representações sociais) e fazer ajustes institucionais ou metodológicos.
- A complexidade da abordagem dos direitos humanos exige uma perspectiva mais ampla, razão pela qual é necessário incluir grupos altamente excluídos e Conectores Culturais no terreno neste redesenho através de processos participativos.
- Identificar problemas e fazer uma mudança de paradigma entre vários conceitos de práticas ultrapassadas para abordar questões novas e emergentes de direitos humanos - uma mudança

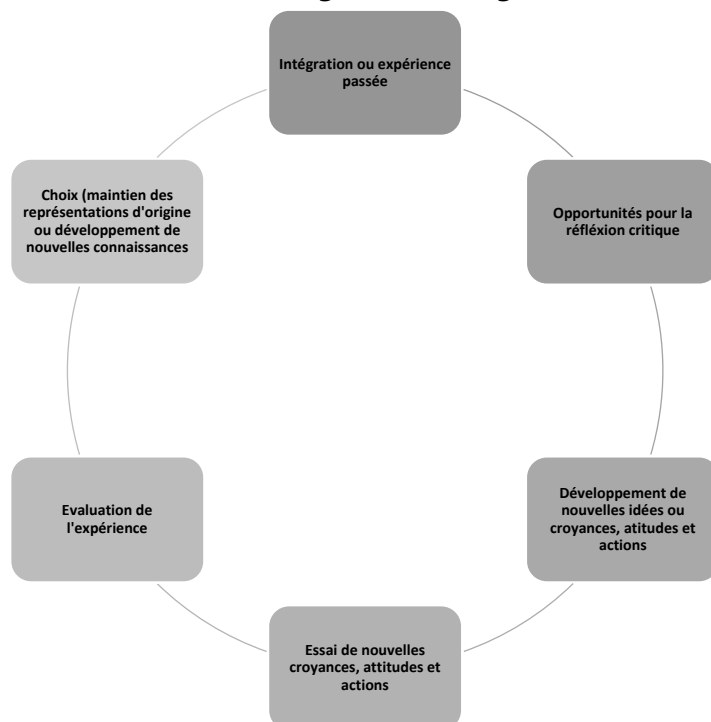
progressiva de uma "visão baseada nas necessidades" para uma "abordagem baseada nos direitos humanos".

MUDANÇA DE PARADIGM	VISÃO NEEDS	ESTRATÉGIA PARA DIREITOS HUMANOS
Representação social	• Vítimas ou agressores • Fraco / Incapaz • "Maçã podre"	• Reconhecimento da diversidade • Reconhecimento da complexidade
Imagem mental	• Resultado da pobreza económica que leva à exclusão	• Inclusão e não discriminação
Tipo de Relacionamento	• Monitorização • Discriminação	• Reconhecimento dos seus próprios conhecimentos
Campo discursivo	• Doutrina da situação irregular • Necessidades • Objetos a serem protegidos	• Abordagem que garante os direitos • Abordagem baseada nos direitos humanos • Titulares dos direitos
Práticas sociais	• Edição particular • Institucionalização (isolamento) • Fácil de manusear • Morte social • Ações de controle	• Questão pública • Redes sociais comunitárias • Cidadania participativa • Recuperação de direitos • Políticas públicas

Por isso, os principais objectivos dos Cultural Connectors devem ser a promoção e divulgação do direito à aprendizagem através da cultura na educação e a colaboração com iniciativas existentes que promovam o acesso universal à educação e à cultura.

A educação gera oportunidades para o desenvolvimento individual e coletivo e para a capacitação. É importante, portanto, fornecer estratégias inovadoras que garantam a inclusão, identifiquem barreiras e promovam processos participativos. Só então a cultura irá consolidar a cidadania activa.

3.4 A visão dos Cultural Connectors sobre a igualdade de género



As pesquisas mostram que a igualdade de gênero e a educação das meninas têm um impacto dramático e positivo não só sobre as próprias meninas, mas também sobre suas famílias, comunidades e sociedade em geral. Compreender e abordar as questões de gênero em todas as áreas da educação e cultura - desde a qualidade das experiências escolares até ao resultado da aprendizagem e aspirações para o futuro - é essencial para alcançar o compromisso global de "assegurar uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e o acesso e participação na consciência cultural e participação como base para oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos".

Do ponto de vista dos Conectores Culturais no terreno, combater a desigualdade de gênero parece mais complicado do que simplesmente restaurar o equilíbrio de gênero. Sugerimos o uso do termo harmonia em vez de igualdade ou equidade, mas estes são conceitos que ainda precisam de ser debatidos aqui. Igualdade de gênero significa visibilidade, empoderamento, responsabilidade e participação de mulheres e homens iguais e não binários em todas as esferas da vida pública e privada. Significa também igualdade de acesso e distribuição de recursos entre mulheres e homens e sua valorização como indivíduos e grupos.

- Os Conectores Culturais que promovem a igualdade de gênero têm como objetivo mudar as estruturas sociais existentes que contribuem para manter relações de poder desiguais entre os sexos. Atingir este objectivo é essencial para a protecção dos direitos humanos, o debate democrático, o respeito pelo Estado de direito e o crescimento económico.
- Contudo, apesar de algumas melhorias recentes, a igualdade efectiva está longe de ser uma realidade na Europa. A violência e a discriminação persistem em muitas áreas, mantendo mulheres e homens nos seus papéis tradicionais e impedindo que alguns indivíduos e grupos marginalizados com base no seu género realizem os seus direitos fundamentais. Os Conectores Culturais têm um papel a desempenhar na promoção de debates construtivos sobre o género.

A igualdade de género é uma parte essencial do quadro mais amplo de equidade e inclusão na educação e cultura, bem como na sociedade em geral, e será mais eficazmente alcançada quando combinada num compromisso abrangente e unificado de não deixar ninguém para trás. Quando podemos fornecer educação de qualidade a meninas e meninos excluídos, os ganhos são consideráveis, tendo em conta que a transacionalidade é primordial aqui.

3.5 Equilíbrio entre a verticalidade e a horizontalidade

Qualquer que seja o contexto ou a população alvo, a abordagem permanece a mesma: o mais importante é a natureza da relação que se desenvolve entre os Conectores Culturais e os grupos-alvo.

No entanto, o estabelecimento de tais trocas ou ligações cria inevitavelmente tensão em termos de partilha de poder ou de posturas de autoridade. Educadores-facilitadores, ou na nossa terminologia preferida, os Conectores Culturais precisam assegurar o equilíbrio certo entre as abordagens pedagógicas de cima para baixo e de baixo para cima. No entanto, isto não é apenas uma questão de flexibilidade ou adaptação. Trata-se de uma sensibilidade também relacionada com a capacidade de escuta, na qual os Conectores Culturais precisam trabalhar para se tornarem conscientes de quando intervir e como podem enfrentar o desafio de capacitar o grupo alvo e, em seguida, ajudá-los a manifestar esse capacitamento através da expressão e da ação.

Um foco na metodologia de mentoring (parte do conceito de coaching, ver também Glossário)

Os Cultural Connectors podem aplicar uma metodologia de mentoria. A tutoria é um processo de aprendizagem bidireccional entre um mentor e um aprendiz adulto, tal como uma relação individual baseada numa troca de aprendizagem, na qual os mentores não se elevam a uma posição superior à dos seus protégés, mas estabelecem uma relação de confiança mútua para guiar os protégés a enfrentarem novos conteúdos para moldarem a sua aprendizagem em relação a potenciais mudanças de atitudes, posturas ou comportamentos. Eles podem fazer isso ouvindo, com paciência e com forte empatia.

Na verdade, notamos como o mentor :

- Cria um relacionamento um-a-um com alunos adultos
- Baseia o intercâmbio na estima mútua e na aprendizagem mútua
- Estabelece metas de desenvolvimento para a integração de alunos adultos no mundo do trabalho ou da educação
- Ouvindo e abraçando as experiências dos indivíduos acompanhados

Quando se trata de tutoria, muitas vezes temos em mente uma abordagem de cima para baixo nos processos de aprendizagem. No entanto, em alguns casos, podemos experimentar uma situação híbrida em que a abordagem de cima para baixo frequentemente associada à tutoria é equilibrada com um processo participativo de pesquisa de ação, permitindo que os alunos se beneficiem de ambas as abordagens.

Deve-se notar - inclusive no caso de algumas experiências de Art-Connection - que as qualidades da abordagem participativa e a relação entre os Conectores Culturais e os grupos de pares podem ser reforçadas pela metodologia de mentoria e pelas ferramentas de educação de pares.

Através da tutoria, a experiência e o conhecimento dos Conectores Culturais combinados com a necessidade dos aprendentes de adquirir conhecimentos, levaram ao desenvolvimento de aptidões e competências de ambas as partes interessadas.

Isto implica que as práticas de tutoria permitem a implementação de abordagens participativas em todos os contextos educacionais não formais (arquivos, institutos e associações culturais, museus, bibliotecas de mídia, etc.) baseadas na circularidade da aprendizagem. Desta forma, a relação entre os Conectores Culturais e os grupos-alvo pode ser vista como parte integrante do ciclo de investigação: os mentores e os indivíduos acompanhados são protagonistas ao mesmo nível e a investigação não visa a transferência de conhecimentos, mas a partilha e a criação circular de competências desenvolvidas a partir da experiência comum de investigação.

A relação entre os indivíduos acompanhados e os mentores pode ser vista como apoio ou *acompanhamento* dos processos de aprendizagem. Os facilitadores ajudam e auxiliam o processo de pesquisa, acompanhando a auto-formação dos alunos através de diferentes etapas de pesquisa e sua formalização dos resultados da pesquisa.

Os mentores também desempenham um papel moderador nos processos de aprendizagem, combinando abordagens bottom-up e top-down.

O caso da educação entre pares

Nos estudos de caso Art-Connection foi possível experimentar uma abordagem participativa baseada em metodologias de educação por pares, pois isso foi visto como "um processo espontâneo de transmissão de conhecimentos, emoções e experiências por alguns membros de um grupo com outros membros de igual status e idade".

Nestes casos, as especificidades da educação por pares eram evidentes, por exemplo, na experiência de aprendizagem profunda dos alunos, o que permitiu o trabalho em rede e a partilha de aprendizagem e competências.

O que também ficou evidente na atitude dos alunos foi uma busca de autenticidade e harmonia entre todas as partes envolvidas.

Isto demonstrou que as abordagens participativas promovem práticas que vão além das práticas educativas habituais para se tornarem oportunidades tangíveis para os indivíduos dentro de grupos de pares discutirem livremente e experimentarem momentos intensos de desenvolvimento cultural e colectivo.

Na pesquisa italiana, os voluntários seguiram os princípios da educação de pares para trocar conhecimentos e habilidades. Os assistentes sociais de rua (caso CAI) e facilitadores do PPA também usam a educação de pares como base para o processo de emancipação dos alunos e como uma alavanca para a participação ativa em projetos comunitários. O mesmo é verdade na metodologia dos contos de histórias.

Este tipo de metodologia coloca uma forte ênfase na construção de redes através de canais de educação de pares que também poderíamos entender como comunidades de prática baseadas em duas oportunidades de aprendizagem: a aquisição de conhecimento no núcleo dessas comunidades de aprendizagem, mas também através de interações em sua *periferia*. Isto significa que mesmo um pequeno grupo de indivíduos é capaz de criar uma rede caracterizada tanto pelo conhecimento partilhado como por identidades, valores e objectivos partilhados.

3.6 Reconhecimento Cultura para reconhecer a cultura: a abordagem do crachá

O processo de reconhecimento da aprendizagem consiste em tornar visível e valorizar conhecimentos, aptidões e competências que ainda são, em grande parte, invisíveis. No contexto da aprendizagem não formal e informal, o termo reconhecimento tem vários significados diferentes. Pode significar o processo de atribuição de estatuto oficial a competências (ou resultados de aprendizagem). Pode também referir-se ao reconhecimento social em termos de reconhecimento do valor das aptidões e competências. Refere-se à aceitação do princípio do reconhecimento da aprendizagem não formal e informal pelos actores nacionais da educação, formação e emprego. Em última análise, enfatiza o reconhecimento de que a aprendizagem é uma actividade social e que o seu valor depende da sua integração num quadro social.

Neste sentido, o crachá aberto fornece uma tecnologia de código aberto para apoiar o reconhecimento de talentos, habilidades e aspirações de indivíduos, comunidades e territórios, a fim de construir uma sociedade aberta e de aprendizagem e para encorajar, promover, apoiar e federar todas as iniciativas e inovações abertas que contribuem para ela. Neste sentido, contribui para o desenvolvimento de uma cultura de Reconhecimento dentro de um ecossistema de reconhecimento baseado num princípio de endosso.

Os endossos são um reconhecimento informal por pares ou terceiros do que é reconhecido por um distintivo, dentro de um ecossistema de confiança. Incluídos nos registos do portador do crachá, estes endossos atestam as ações do portador e são significativos em um processo de validação.

O crachá é um catalisador para a transformação social: visa capacitar os portadores de crachás, construindo sua identidade através de um processo de reconhecimento aberto e valorizando suas habilidades e formas de trabalho únicas, baseadas em princípios baseados em evidências (prova de atividade) dentro de um ecossistema confiável.

Os crachás são ferramentas de comunicação que podem ser compartilhadas sem limitações e são adequadas para uma grande variedade de usos: link URL em um website ou rede social, Pdf ou documento impresso.

3.7 Metodologia de trabalho social de rua para aumentar a consciência e expressão cultural

Mais do que uma metodologia sistemática, discutimos aqui as características presentes na maioria das histórias contadas por educadores de rua de muitos países. Estes incluem os pontos-chave que tornam o trabalho de rua único e difícil, mas uma prática vital que envolve estar sempre na linha da frente e exige constantemente uma revisão e auto-avaliação.

É importante notar que existem programas específicos de educação de rua para crianças e jovens que são diferentes para adultos; que alguns se desenvolvem em áreas marginais e periféricas enquanto outros se desenvolvem em ambientes mais centrais e afluentes; que alguns focalizam em prover necessidades básicas para as pessoas na rua enquanto outros focalizam na construção de relacionamentos. Em outras palavras, os programas de educação de rua são adaptados de acordo com uma análise do espaço e do tempo específicos que produzem, mas em todos os casos as ações que discutimos acontecem claramente em uma mistura de contextos e tradições.

O principal desafio dos assistentes sociais de rua é ser o mais facilmente acessível possível às crianças, jovens e adultos que vivem em condições precárias e sofrem de múltiplas formas de exclusão. Pela sua proximidade e integração nas áreas mais excluídas, eles são o primeiro e último elo da cadeia de educação e assistência social, quando tudo o resto falhou.

O trabalho social de rua exige de preferência uma abordagem inovadora onde as pessoas "do lado receptor" desempenham um papel predominante em qualquer acção empreendida, desde o seu início (o pedido) até ao seu desenvolvimento (o apoio). É esta relação de confiança, construída em colaboração com o sujeito, que vai permitir quebrar o silêncio e apoiar a pessoa.

Respeitando os direitos fundamentais das pessoas, o trabalho de rua visa proteger as pessoas mais vulneráveis e dar-lhes os meios para se protegerem a si próprias.

Os assistentes sociais de rua usam a arte como uma ferramenta para permitir que os indivíduos construam relações de confiança. Por outro lado, essas ferramentas ajudam os indivíduos a se expressarem, suas emoções e crenças, seus sonhos e objetivos. Com esta informação, os assistentes sociais de rua podem começar a compreender o contexto cultural de cada indivíduo.

Ao usar estas informações, eles começam a fazer parte de um grupo ou comunidade de Conectores Culturais.

Ao mesmo tempo, os assistentes sociais de rua reúnem grupos focais da sua própria população alvo para lhes perguntar que habilidades um assistente social de rua deve ter para ser um Conector Cultural eficaz? Eles usam a arte e a cultura como ferramentas, mas também como processos de aprendizagem, porque ambas melhoram a auto-reflexão nos processos individuais de aprendizagem, reforçam o uso de expressões inovadoras e a participação activa na criação de um Conector Cultural, produzir conhecimentos que permitam uma melhor interacção com os seus assistentes sociais de rua (para mais informações, consulte o estudo de caso "Educação cultural através de práticas de trabalho social de rua" no Art-Connection Pedagogical Toolkit for Cultural Connectors in Adult Education).

3.8 A abordagem de narração de histórias para apoiar a expressão criativa

Há três palavras-chave que ressoam com as práticas de contar histórias. A primeira é holística: contar histórias é uma metodologia participativa que permite aos alunos abraçar e incorporar verdadeiramente experiências de aprendizagem e nos permite pensar a educação como inclusiva e holística. A segunda palavra-chave é acessibilidade: utilizar práticas criativas como paisagens sonoras ou narrações digitais de forma a transformar estas práticas em ferramentas de fácil utilização, permite aos participantes em workshops ou programas educacionais serem criadores e não consumidores de arte ou cultura. A palavra-chave final é solidariedade: ela está no centro do engajamento público com a narrativa digital e se tornou fundamental durante a pandemia, pois novas formas de estar juntos, de compartilhar práticas artísticas e culturais foram compartilhadas e vivenciadas. Contar histórias é, por natureza, uma experiência social e um processo contínuo para melhor se conectar com pessoas de diferentes origens e origens através da combinação de forças de solidariedade e criatividade.

Contar histórias refere-se a uma forma de ensino onde histórias e experiências são compartilhadas para desenvolver o conhecimento. Permite que os alunos compartilhem diferentes perspectivas e criem coletivamente novos conhecimentos. A narrativa digital tem o potencial de trazer novas vozes para o debate público, pois a partilha de histórias facilita a partilha de experiências e conhecimentos para impactar directamente uma determinada vida ou implementar mudanças dentro de uma comunidade. Nas suas várias formas - incluindo a criação de paisagens sonoras digitais - a narração digital pode ser aplicada como um método para melhorar o 8º CEC juntamente com os 4Cs de Comunicação, Colaboração, Criatividade e Pensamento Crítico. Como Bernajean Porter (2015) sugere, "o processo de contar histórias digitais nos ajuda a transformar fatos isolados em entendimentos informados e duradouros". As interações da narrativa com a arte e a cultura fornecem um meio de canalizar emocionalmente e não intelectualmente

a compreensão e o sentimento de pertencer a um determinado contexto cultural através de um processo de aprendizagem que visa melhorar as competências do 8º CCE. A narração digital permite a transformação de dados em informação, e depois numa forma de conhecimento que se concentra na fase de 'partilha': um tempo em que as vozes dos participantes, especialmente as vozes dos 'alunos mais calmos que não se expressam tão facilmente na aula' podem ser amplificadas (Lowenthal 2009).

Os materiais áudio e visuais desempenham um papel importante na educação cultural, transmitindo experiências, e não apenas conhecimento. Neste contexto, as ferramentas digitais oferecem novas possibilidades de apresentar materiais e adotar diferentes abordagens para aprimorar o conhecimento experiencial. No caso da educação de jovens adultos, os participantes devem ser nativos digitais (Marc Prensky, 2001). O uso de ferramentas digitais permite que os alunos compartilhem seus conhecimentos e assumam o papel de especialistas. Os princípios de co-criação no centro da narração digital permitem que os alunos reconheçam suas habilidades existentes antes de compartilhá-las com seu grupo de alunos. Isto leva a experiências de ensino e aprendizagem horizontais, inclusivas e fortalecedoras. Embora a maioria dos alunos tenha acesso às tecnologias digitais e tenha frequentemente utilizado ferramentas digitais para a sua interação com as redes sociais, estas práticas não estão integradas num processo de aprendizagem reconhecido onde outras competências, como o pensamento crítico e a comunicação verbal, também são desenvolvidas para além do know-how técnico. Em vez disso, as práticas de contar histórias digitais enfatizam a importância da comunicação verbal e do pensamento crítico. Partindo das competências técnicas existentes dos aprendentes e construindo-as para produzir experiências de contar histórias digitais, transforma a aprendizagem num processo incremental onde os aprendentes não sentem que têm de começar do zero - especialmente porque a confiança é um factor chave para o sucesso do processo de aprendizagem - mas podem reconhecer e construir sobre o que já sabem.

No caso da criação de paisagens sonoras digitais, as abordagens de ensino e aprendizagem centram-se não só nas competências existentes dos alunos, mas também na importância de manipular sons e vozes como material existente que pode ser orquestrado para encontrar e dar um novo significado num dado contexto sócio-económico e cultural. Os alunos sentem-se fortalecidos por esta abordagem da criatividade como adaptação em vez de criação ex-nihilo. "Dizer" o que está lá, o que eles ouvem em um ambiente específico ajuda os alunos a se concentrarem no significado das paisagens sonoras que produzem e nas questões éticas que a gravação e o compartilhamento das histórias de outras pessoas ou das suas próprias histórias podem envolver. Em suma, o desenvolvimento das competências e materiais existentes desloca o foco do processo de ensino e aprendizagem das ferramentas para as metodologias (para mais informações, consulte o estudo de caso "Cultural Education through Digital Storytelling Methodology" no Art-Connection Pedagogical Toolkit for Cultural Connectors in Adult Education).

CAPÍTULO 4

Como se tornar um Conector Cultural e ser capaz de envolver indivíduos num processo de reconhecimento criativo das competências individuais e colectivas de auto-aprendizagem para se tornar culturalmente competente?

Tornar-se um Conector Cultural requer habilidades de *acompanhamento* que exijam o domínio de habilidades relacionais que permitam aos educadores adultos desenvolver uma abordagem holística e sistêmica para os alunos. Isso geralmente requer que esses profissionais façam uma profunda transformação em suas concepções do processo de aprendizagem e práticas educacionais.

De um modo geral, um Conector Cultural deve ter alguma consciência e experiência de :

- Aprendizagem invisível na educação intercultural não formal e informal a partir da experiência e prática compartilhada dentro de uma comunidade,
- processos de aprendizagem tal como entendidos pela neurociência,
- de aprendizagem mútua, aprendizagem cooperativa, educação de pares ou aprendizagem invertida,
- pedagogia crítica, auto-estudo e o uso de auto-reflexão e práticas reflexivas,
- Competências transversais e, em particular, comunicação, colaboração, pensamento crítico e criatividade e como se pode adquiri-las,
- inspirar os alunos com autoconfiança e desejo de aprender e tomar iniciativa,
- como reenquadrar conflitos e dificuldades de uma forma positiva.

4.1 Ao nível dos conceitos fundamentais

Acompanhamento

Em francês, o termo "accompagnement" é uma noção muito complexa que integra metodologias específicas de formação pedagógica, muitas vezes traduzida em metodologias de coaching ou mentoring, embora o conceito de *acompanhamento* seja mais amplo.

O *coaching* tende para um ideal que assegura que os alunos actuem e decidam por si próprios de forma a desenvolverem a sua própria autonomia e empoderamento. Este conceito está, portanto, intimamente ligado ao conceito de auto-aprendizagem.

A noção de *postura* está subjacente ao conceito de acompanhamento. Usando a metáfora de andar, posso andar com, atrás, na frente ou ao lado da outra pessoa. Eu posso andar muito perto ou um pouco mais. Eu também posso apoiar alguém que está a andar, se tiver uma deficiência.

O conceito de *acompanhamento* implica também um sentido de paridade. O conselheiro e a pessoa que está sendo acompanhada acompanham um ao outro.

Aprendendo

O conceito de *aprendizagem* é um neologismo francês para o processo de aprendizagem como uma capacidade vitalícia inerente a todos os indivíduos.

"O estado da *aprendizagem* é duplo: causa e consequência da transformação gerada e observada, causa e consequência da interação com o nosso ambiente, com os outros e connosco próprios. A realização da aprendizagem dependerá, portanto, da postura, do posicionamento, da atitude, da intenção, das

condições em que um organismo de aprendizagem se reconhece a si próprio e da forma como está ligado ao seu ambiente, aos outros e a si próprio" (Trocmé-Fabre, 1999).

Tornar-se um Conector Cultural requer, portanto, uma compreensão de como um processo de aprendizagem pode permitir que os indivíduos expandam seus próprios conhecimentos e habilidades.

Hermenêutica

O conceito de hermenêutica utilizado no projecto Art-Connection refere-se à interpretação e compreensão da experiência humana de um ponto de vista filosófico.

Tornar-se um Conector Cultural requer vontade e capacidade de ouvir e traduzir o que está sendo expresso por um indivíduo e/ou grupo.

Este conceito também está intimamente ligado ao conceito de *acompanhamento*.

Processos de auto-formação e autodeterminação

O conceito de auto-aprendizagem deve ser entendido num sentido holístico e ontológico. É a ideia de considerar os indivíduos como um todo num sentido existencial, ao longo de suas vidas, em todos os contextos educacionais formais, não formais e informais.

Este conceito está ligado ao processo de autodeterminação e empoderamento.

São necessárias habilidades pessoais, sociais e de aprendizagem para ajudar a desenvolver tais processos de empoderamento. Estas competências são de facto as definidas no 5º CCE "pessoal, social e aprender a aprender".

Este conceito também está, naturalmente, ligado ao conceito de *aprendizagem*.

Um kit de ferramentas para aprender a aprender (para ajudar a compreender a tipologia do aluno, descobrir metodologias para melhorar o seu estilo de aprendizagem específico) pode ser muito útil para qualquer Conector Cultural. Além disso, o Conector Cultural pode acompanhar os alunos usando este kit de ferramentas como um recurso para uma melhor aprendizagem em qualquer campo do conhecimento. Aprender a aprender proporciona uma abertura para metodologias de desenvolvimento da auto-consciencialização e métodos para uma melhor aprendizagem, de modo a que os alunos possam implementar e implementar os seus estilos pessoais de aprendizagem em condições apropriadas e numa variedade de contextos. Ajuda a construir auto-estima e auto-confiança, capacitando os alunos a explorar o mundo em todas as suas dimensões e de acordo com o que eles desejam alcançar pessoal ou profissionalmente naquele mundo.

Práticas reflexivas

O desenvolvimento da autonomia requer auto-formação e autogestão do processo educativo, permitindo decisões autónomas sobre objectivos, métodos e meios de acção.

O objetivo da reflexividade e das práticas reflexivas é aprender a pensar criticamente a partir da análise dos diferentes componentes de qualquer situação ou experiência de vida, alternando experiências com momentos de reflexão sobre uma determinada ação para uma melhor adaptação social e cultural.

É importante que os Conectores Culturais pratiquem primeiro a reflexividade para si mesmos, pois esta é uma atividade crucial para desenvolver uma profunda compreensão interior de como acompanhar os indivíduos em seu próprio processo criativo.

- Para adquirir conhecimentos reais com a experiência, são necessárias certas habilidades:

- O aprendiz deve ser capaz de refletir sobre a experiência.
 - O aprendente deve usar as competências analíticas para conceptualizar a experiência.
 - O aprendente precisa desenvolver a capacidade de decisão e de resolução de problemas a fim de utilizar as novas ideias adquiridas a partir da experiência.
- Certas condições são necessárias para que a aprendizagem experimental tenha sentido:
 - Os alunos precisam estar envolvidos em uma experiência reflexiva que lhes permita relacionar a aprendizagem atual com o passado, presente e futuro, mesmo que essas relações sejam sentidas e não pensadas.
 - A experiência e o conteúdo devem ser pessoalmente significativos: o que se aprende e como se aprende é de particular importância para o indivíduo.
 - Deve haver envolvimento de todo o eu: corpo, pensamentos, sentimentos e ações, não apenas da mente; em outras palavras, o aprendiz está engajado como uma pessoa inteira.

4.2 A nível da relação pedagógica, comunicação e empatia de acordo com os grupos-alvo

A relação andragógica leva-nos a questionar a postura do *acompanhamento* para emancipar o aluno; o que implica por parte de todos os actores da esfera educativa em sentido amplo, trabalhar em parceria com os alunos para levá-los a serem agentes da sua própria formação.

Abertura

- Abordagem transdisciplinar.
- Versatilidade.
- Partilhar conhecimentos.

Educação Intercultural e Diferenciada

- Adaptação individualizada, personalizada e cultural em facilitação de grupos com o público alvo (vocabulário, experiência, identidade, trauma).

Escuta atenciosa e activa

- Empatia, respeito, positividade.

4.3 Em termos de práticas de ensino

Projeto participativo e processo de *apoio baseado* em características individuais e sob medida

- *Práticas de uma abordagem centrada na pessoa (corrente humanista) em uma lógica de caminho.*
- *Apoiar práticas de auto-aprendizagem como conceito para desenvolver a capacidade criativa, autonomia e empoderamento de cada indivíduo.*
- *Mentoreamento e práticas de coaching.*
- *Práticas para reconectar pessoas longe dos centros de formação (trabalho social de rua).*
- *Educação de pares e práticas de aprendizagem invertidas.*
- *Práticas de trabalho em equipe e experiências de trabalho em grupo.*

Práticas reflexivas - individuais e colectivas (ver também os estudos de caso no Art-Connection state of the art e os exemplos concretos no kit de ferramentas pedagógicas para os Cultural Connectors)

- Práticas de escuta activa e técnicas de explicação.

- Entrada através de situações da vida, uso da experimentação e aprendizagem a partir da experiência de vida.
- A metodologia Kairos.
- Metodologia Digital Storytelling.
- Práticas de avaliação-formalização da experiência numa abordagem interdisciplinar e holística de investigação-formação.

4.4 O papel de um Conector Cultural

Fazer a relação realmente acontecer, com um indivíduo e/ou dentro de um grupo

Este é o conceito de *Confiança* ou a forma como você se relaciona, este conceito foi desenvolvido principalmente por Edgar Morin. A *confiança* é provavelmente a ferramenta mais importante para nutrir a motivação. É baseado nas relações interpessoais e ambientes que o Conector Cultural irá desenvolver com os alunos, em relação à questão da alteridade. O não-julgamento é a base de qualquer relação interpessoal educativa e pedagógica.

De acordo com o grupo focal, nem sempre é uma experiência de sucesso, especialmente com grupos de indivíduos em situações vulneráveis. Às vezes você consegue e outra vez você tenta repetir a mesma coisa e é completamente diferente e não funciona: a energia não está lá, nenhuma dinâmica está lá. Você tem que ter em mente que o material de trabalho aqui é o humano, e embora possamos tentar entender o processo o máximo possível, em última análise a decisão é do indivíduo. E é uma consideração ética levar em conta a liberdade de qualquer indivíduo. O facto de uma pessoa ser livre de decidir não participar no seu próprio processo de aprendizagem deve ser aceite e respeitado.

- Seja criativo, aberto, flexível e auto-reflexivo.
- Seja atencioso, empático, respeitoso e tolerante.
- Animar e criar sinergias, estimulando as trocas num ambiente positivo e construtivo.
- Gestão de situações críticas.
- Promover a coesão da equipe.

Criar um ambiente de aprendizagem e condições favoráveis à aprendizagem

Durante o processo de aprendizagem, o Conector Cultural irá criar, apoiar e modelar um ambiente seguro onde os alunos se sintam valorizados, confiáveis e respeitados.

Ele lembrará verbalmente aos alunos que eles estão no controle de suas experiências de aprendizagem, capacitando-os a fazer escolhas significativas e assegurando que os conceitos sejam totalmente compreendidos e absorvidos.

- Criar um ambiente de aprendizagem intercultural aberto e informal
- Desenvolver um sentido de beleza no ambiente de aprendizagem
- Valorizar as competências individuais e colectivas e permitir a sua partilha

Respeitar o processo de aprendizagem (de acordo com a neurociência e a abordagem holística do aluno)

- Tornar a criatividade parte do processo de aprendizagem.
- Deixe muito espaço para experimentação.
- Promover a aprendizagem a partir da experiência e dos erros.

Fazer da cultura uma parte concreta da vida

Dar uma ideia concreta da cultura através da criação de actividades e projectos que façam da cultura e da arte pilares das acções educativas e alavancas para o desenvolvimento de competências individuais e colectivas ao serviço da coesão social.

Exemplos (ver exemplos concretos no Art-Connection Pedagogical Toolkit for Cultural Connectors) :

- Passeios culturais: visitar um museu, ir ao teatro ou cinema, à ópera, visitar um parque.
- Oficinas culturais e artísticas sobre vários temas.
- Projetos culturais envolvendo vários atores e comunidades locais.

4.5 Quadro de referência para se tornar um Conector Cultural comprometido com práticas inovadoras que fazem da cultura um dos pilares das acções educativas e uma alavanca para o desenvolvimento de competências individuais e colectivas

Área de especialização	Subcampo de competência	Conhecimentos essenciais	Principais habilidades	Atitudes
Engenharia participativa e processo de coaching baseado em características individuais e sob medida	<i>Apoio à auto-formação</i> Pedagogia crítica / andragogia Abordagem centrada na pessoa Aprendizagem inversa	Diferenciação: personalização e individualização Hermenêutica Engenharia da educação Pedagogia do projeto Prática reflexiva	Ouvir activamente e tornar a experiência explícita Facilitar grupos interculturais: criar sinergia de grupo e vínculo social Adaptação cognitiva e cultural Gestão de conflitos Ligação entre objectivos educativos e projectos culturais Gestão de projectos culturais Metodologia de mentor-coaching Versatilidade	Bondade Criatividade Curiosidade Empatia Facilitador Flexibilidade Não-Julgamento Positividade Respeito Sentido de beleza Sentido de encontro humano
Abordagem transdisciplinar e de educação intercultural numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida	Partilhar conhecimentos Soft-skills: comunicação, colaboração, criatividade, pensamento crítico, agir metodicamente, raciocinar logicamente.			
Abertura cultural e artística	<i>Confiança</i> - ligação intercultural Criação de uma rede cultural			

CAPÍTULO 5

Usar modelos europeus para reconhecer, desenvolver, validar-certificar competências culturais

5.1 O modelo da Recomendação do Conselho de 2012 sobre a validação da aprendizagem não formal e informal e aprendizagem informal (2012/C 398/01)

Todas as ferramentas da educação não formal e informal são activas e participativas. O conhecimento não é a posse de uma pessoa, mas está entre nós. Para que o conhecimento seja revelado, precisamos de utilizar ferramentas que permitam a experiência das competências. Sabemos que não é possível avaliar a competência da mesma forma que avaliamos as competências ou conhecimentos. A competência é baseada em atitudes, e as atitudes são algo que revelamos no futuro!

Os resultados da aprendizagem são declarações do que um aprendente sabe, compreende e é capaz de fazer como resultado de um processo de aprendizagem; são definidos em termos de conhecimentos, aptidões e competências.

Validação significa um processo de confirmação por um organismo oficial de que uma pessoa alcançou resultados de aprendizagem medidos de acordo com um padrão relevante e que inclui as seguintes quatro fases distintas: 1. IDENTIFICAÇÃO através do diálogo das experiências particulares de uma pessoa; 2. DOCUMENTAÇÃO para tornar as experiências do indivíduo visíveis; 3. uma AVALIAÇÃO formal dessas experiências; e 4. CERTIFICAÇÃO dos resultados da avaliação que podem levar a uma qualificação parcial ou total.

- Identificação dos resultados da aprendizagem não formal e informal. É realizada com vista a avaliar estes resultados e pode envolver auto-avaliação ou avaliação por terceiros.
- Produção de evidência de resultados de aprendizagem não formal e informal com base em documentos de referência. O padrão predefinido deve ser introduzido de tal forma que os participantes possam ter o quadro de referência necessário para documentar os resultados correctamente ou analisá-los de tal forma que o processo de validação/certificação possa realmente ser sobre a aquisição de conhecimentos, aptidões e competências através da compreensão destes resultados.
- Validação dos resultados da aprendizagem não formal e informal. Este é um passo essencial para verificar se os documentos produzidos ou qualquer outra forma de avaliação (simulação, situação da vida real, testes escritos, etc.) têm valor em relação a um determinado padrão.
- Certificação de resultados de aprendizagem não formais e informais, sob a forma de uma qualificação ou créditos conducentes a uma qualificação, ou de alguma outra forma, dependendo da veracidade, validade e autenticidade desses resultados.

Identificação

A validação começa necessariamente pelo apoio aos parceiros sociais na identificação de competências, especialmente competências adquiridas através da participação em eventos sociais. Esta etapa é crucial porque o processo de aprendizagem difere de pessoa para pessoa e as competências são adquiridas num

contexto não estruturado que não permite uma fácil identificação das competências adquiridas. O resultado mais importante e valioso deste processo é encontrar maneiras de encorajar os alunos a reflectir sobre a sua própria aprendizagem. Isto reside na descoberta e no aumento da consciência das próprias capacidades. O principal problema dos jovens trabalhadores é a compreensão das competências transversais e a sua ligação com a realização pessoal e os resultados da aprendizagem.

Para realizar a fase de identificação, precisamos de :

- adaptar os procedimentos e ferramentas relevantes para apoiar a identificação,
- desenvolver um sistema misto e equilibrado de identificação normalizado e baseado no diálogo.

Documentação

A documentação envolve o fornecimento de evidências de resultados de aprendizagem e habilidades adquiridas, particularmente em situações de aprendizagem participativa e participação em eventos sociais. Os tipos de documentação e dados de valor não estão limitados àqueles que documentam a aprendizagem individual. A aprendizagem individual não é simplesmente uma questão de conhecimento de um domínio específico. Como um aspecto do desenvolvimento humano a nível individual, grupal ou organizacional, a aprendizagem que importa é a que é utilizada em situações para realizar actividades e acções que exigiram interacção e colaboração com outros. As habilidades suaves são tão importantes quanto as habilidades difíceis de se fazer as coisas. As redes sociais e a compreensão de quem é bom em quê e como um determinado grupo de pessoas pode trabalhar em conjunto de forma eficaz são resultados de aprendizagem essenciais.

A documentação pode ser obtida através da 'construção' de um portfólio que tende a incluir um histórico dos feitos de uma pessoa durante processos de aprendizagem específicos, com amostras apropriadas que atestam os seus feitos de aprendizagem. Deve estar aberta a vários tipos de provas, desde documentos escritos a demonstrações de prática e análise auto-reflexiva em formato áudio ou vídeo. Esta evidência deve fornecer uma visão suficiente dos resultados de aprendizagem alcançados: não será suficiente enumerar títulos de emprego ou posições. A portabilidade da evidência é crucial, uma vez que cada fornecedor de validação que opera com diferentes formatos de documentação dificultará inevitavelmente a apresentação e aceitação por parte de cada cidadão das suas aptidões e competências adquiridas.

A mudança gradual para resultados de aprendizagem que está actualmente a ocorrer em toda a Europa pode promover a transparência e comparabilidade globais, uma vez que fomenta uma forma comum de expressar conhecimentos, aptidões e competências em diferentes sectores económicos e qualificações de educação e formação.

Para levar a cabo a fase de documentação, precisamos de

- Estabelecer um quadro de critérios para a admissão de provas no processo
- Adaptação de um formato compatível para documentar a aprendizagem não formal e informal

Validação

A validação concentra-se no que alguém aprendeu e envolve a captura de várias experiências individuais de aprendizagem. As ferramentas de avaliação devem ser concebidas para captar e avaliar a própria aprendizagem do indivíduo e o contexto em que essa aprendizagem teve lugar.

Para levar a cabo a fase de validação, precisamos de :

- desenvolver padrões a serem usados na medida em que os resultados valorizados são apropriados para capturar a variação individual que caracteriza a aprendizagem não formal e informal.
- Definir claramente as condições de avaliação e comunicá-las em termos de procedimentos, ferramentas e padrões de avaliação/avaliação:
 - a candidatos
 - empregadores e instituições educativas

Certificação

A certificação proporciona reconhecimento e acreditação de aprendizagem, competências e realizações. Esta actividade defende que as pessoas envolvidas num processo de reconhecimento dos seus resultados de aprendizagem não formal e informal devem receber um documento que tenha valor social e seja amplamente reconhecido para que possam beneficiar dele, agora ou mais tarde na vida, quando regressarem ao sistema formal de aprendizagem ao longo da vida ou ao mercado de trabalho.

Youthpass é uma ferramenta para documentar e reconhecer os resultados da aprendizagem dos jovens no trabalho e nas actividades de solidariedade. Está disponível para projectos financiados pelo Erasmus+:

Os Open Badges são uma forma de acreditação de aprendizagem, habilidades e realizações. Eles podem ser usados para reconhecer muitas coisas diferentes, tais como participação e contribuição para um evento, aquisição de habilidades e muito mais.

O Sistema Europeu de Créditos do Ensino e Formação Profissionais (ECVET) é um sistema europeu de apoio à aprendizagem ao longo da vida, à mobilidade dos aprendentes europeus e a percursos de aprendizagem flexíveis para as qualificações. Também permite aos prestadores de ensino e formação profissional reconhecer qualificações, conceder créditos ECVET e transformar créditos ECTS pelas universidades.

5.2 modelo ECVET

O Sistema Europeu de Créditos do Ensino e Formação Profissionais (ECVET) é um sistema europeu de acumulação (acumulação) e transferência de créditos para o ensino e formação profissionais na Europa. É usado para certificar e registar os resultados de aprendizagem de uma pessoa envolvida num percurso de aprendizagem conducente a uma qualificação, diploma ou certificado vocacional. Permite a documentação, validação e reconhecimento dos resultados de aprendizagem alcançados no estrangeiro, em escolas profissionais formais ou em contextos não formais. Centra-se nos indivíduos, com base na validação e acumulação dos seus resultados de aprendizagem, definidos em termos dos conhecimentos, aptidões e competências necessárias para a obtenção de uma qualificação.

O Sistema Europeu de Créditos do Ensino e Formação Profissionais (ECVET) destina-se a facilitar a transferência, reconhecimento e acumulação de resultados de aprendizagem sujeitos à avaliação de quem procura a certificação.

O sistema ECVET é baseado em conceitos muito concretos que devem ser mostrados no desenho e claramente aplicados em todas as etapas de um processo de treinamento.

Para que um curso seja adequado ao sistema ECVET, devem ser levados em conta os seguintes elementos

A formação deve ser traduzida em resultados de aprendizagem que o formando deve alcançar. Os resultados da aprendizagem são declarações do que um aprendente sabe, compreende e é capaz de fazer como resultado de um processo de aprendizagem (ver a recomendação de 2017 sobre o Quadro Europeu de Qualificações - QEQ). Estes resultados de aprendizagem podem ser adquiridos através de uma variedade de percursos de aprendizagem, modos de prestação em diferentes contextos de aprendizagem (formal, não formal e informal) ou contextos (isto é, país, sistema de educação e formação).

Os resultados da aprendizagem são descritos utilizando a terminologia do conhecimento, aptidões e competências como denominador comum que corresponde à diversidade das abordagens existentes para descrever os resultados da aprendizagem. Na implementação do ECVET, é essencial assegurar que os resultados de aprendizagem das qualificações e unidades sejam claramente identificados e descritos, a fim de permitir uma compreensão mútua das qualificações.

- O conhecimento inclui: fatos, teorias e conceitos, sentimentos ou experiências que são conhecidos por uma pessoa ou grupo.
- As habilidades são: o conhecimento adquirido através da experiência necessária para realizar uma tarefa ou trabalho.
- A competência inclui: competência cognitiva envolvida no uso de teorias e conceitos, bem como conhecimentos tácitos e informais adquiridos através da experiência; competência funcional (know-how), ou seja, o que uma pessoa deve ser capaz de fazer quando envolvida num determinado trabalho, aprendizagem ou espaço social; competência pessoal em saber como se comportar numa situação específica; e competência ética que confere um certo valor pessoal e profissional.

Para implementar o ECVET, é necessário que as qualificações sejam descritas usando os resultados da aprendizagem. Os resultados de aprendizagem avaliados constituem um crédito. O crédito é a base para permitir a transferência entre contextos de aprendizagem e para a acumulação de resultados de aprendizagem. No ECVET, os resultados da aprendizagem são usados como base para a transferência e acumulação de créditos. Os resultados da aprendizagem não dependem do processo de aprendizagem, do conteúdo do ensino ou do contexto de aprendizagem em que foram alcançados, pelo que é possível utilizá-los para determinar se o que o aprendente alcançou num ambiente ou contexto de aprendizagem é comparável ao que se espera que o aprendente tenha alcançado noutro ambiente ou contexto.

Os resultados da aprendizagem são agrupados para criar unidades. Uma unidade é uma componente de uma qualificação, constituída por um conjunto coerente de conhecimentos, aptidões e competências que podem ser avaliados e validados. Finalmente, no final de uma unidade avaliada (conjunto de resultados de aprendizagem), o aprendente mostra que adquiriu uma qualificação.

As qualificações ECVET podem conter resultados de aprendizagem claramente relacionados com a capacidade de uma pessoa para realizar uma actividade específica no local de trabalho, mas muitas vezes também contêm resultados de aprendizagem referentes a competências-chave.

O ECVET facilita o desenvolvimento de percursos flexíveis e individualizados e o reconhecimento dos resultados da aprendizagem, que são adquiridos através da aprendizagem não formal e informal. Para aplicar o ECVET a resultados de aprendizagem alcançados num contexto de aprendizagem não formal e informal, a instituição competente com direito a atribuir qualificações ou unidades ou a atribuir créditos deve estabelecer procedimentos e mecanismos para a identificação, validação e reconhecimento desses resultados de aprendizagem através da atribuição de unidades correspondentes e pontos ECVET associados.

5.3 Modelo ECVET Framework

Estudo de caso	Resultados da aprendizagem		
	Conhecimento	Capacidades	Competências

A tabela abaixo é um exemplo proposto pela CAI para ilustrar como isto poderia funcionar se nossos estudos de caso operassem dentro do sistema ECVET, com um conjunto relacionado de ferramentas educacionais. Outros exemplos estão disponíveis no ANTImanual da CAI.

Estudo de caso	Resultados da aprendizagem		
	Conhecimento	Capacidades	Competências
A ética, lógica e pedagogia dos comuns. Neste estudo de caso, os educadores adultos estarão praticamente empenhados em actividades inovadoras, que visam a realização dos valores e do ethos geral dos comuns. Por outras palavras, o objectivo destas actividades é dar corpo ao quadro teórico dos Conectores Culturais.	Para mais informações sobre jogos de role-playing (RPGs)	Para exercitar o pensamento criativo e a fantasia	Cooperar e trabalhar bem com outros membros da equipe para alcançar objetivos comuns
	Para mais informações sobre reflexividade sob pressão de tempo	Partilha e colaboração	Capacidade de ajustar o seu próprio comportamento para atingir os objectivos da equipa
	Aprenda a se afastar para dar espaço aos participantes para criar	Aperfeiçoamento das habilidades interpessoais	Tratar os membros da comunidade com respeito

Ferramentas educacionais associadas - The commons bazaar

Assunto(s) : Artes e educação cívica, social e política

Duração: 90-120 minutos.

Número sugerido de participantes: 10-40

Objectivo: Competências e atitudes: Competências interpessoais, Partilha, Exercício do pensamento criativo e da fantasia, Colaboração.

Seleccção e organização dos materiais :

Cada participante deve trazer duas a três peças de roupa ou acessórios para o workshop; além disso, são necessários papel e canetas.

Métodos - Técnicas promovidas: Formação de equipas, coletivamente.

Descrição das etapas da actividade :

1. Os participantes reúnem-se num grande espaço (exterior ou interior) e ficam à volta de uma mesa.
2. Os participantes já foram convidados a trazer 1-3 peças de roupa ou acessórios e a colocá-los num banco no centro da sala - dando a sensação de um mercado público ou banco de loja. A cada participante é dado um pedaço de papel e uma caneta. Vale a pena mencionar a importância de partilhar aqui. O material para esta actividade é organizado principalmente pelos participantes.
DICA: Certifique-se de que cada item possa ser visto e que nenhuma roupa/acessórios estejam em cima um do outro.
3. Todos podem andar à volta do banco e observar os objectos. Os participantes podem andar ou tocar em determinados objectos, se assim o desejarem.
4. No pedaço de papel, cada pessoa escreve uma palavra (sentimento, pensamento, origem, pertença, etc.) sobre uma roupa ou um pedaço de pano que tenha notado. As pessoas andam pela sala e tentam encontrar outra pessoa que tenha algo em comum com a sua palavra. Desta forma, dividem-se em grupos de (4-6 por grupo). O objetivo dos grupos é discutir brevemente as palavras dos trabalhos em conjunto.
5. Nesta etapa, os grupos tentam encontrar uma forte abordagem conceptual, como uma declaração ou uma mensagem social. A declaração/ mensagem social é apropriada para ser composta a partir das palavras dos participantes. Deve ser mencionado que uma palavra pode ter vários significados. Por exemplo, a palavra "maçã" pode ter um significado metafórico e/ou metódico mais amplo, como "natureza", "Adão e Eva", "cor vermelha", etc.
6. O valor da partilha é igualmente importante nesta parte do workshop, pois os participantes serão treinados sobre como partilhar os seus pensamentos (e compor as suas palavras escritas) e também para aceitar as "palavras" dos outros. Quando chegam a uma determinada visão comum, os participantes devem encontrar uma forma de apresentar as suas ideias de uma forma criativa. Os modos de apresentação são ilimitados (teatro, representação, vídeo, fotografia, poema, imagens estáticas, etc.). Podem usar a roupa que quiserem - das que já possuem - para apresentar a(s) sua(s) ideia(ões).
7. Cada grupo apresenta o seu resultado/projecto aos outros.
8. Discussão geral/ Reflexão.